

Declaração à Imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de assinatura de atos com o governo do Chile

Palácio de la Moneda - Chile, 26 de abril de 2007

Excelentíssima senhora Michelle Bachelet, presidente da República do Chile,

Companheiros integrantes da delegação brasileira e da delegação chilena,

Empresários, jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,

É uma alegria poder voltar ao Chile, país que sempre acolheu brasileiros com hospitalidade e carinho, especialmente durante a longa noite de autoritarismo que se abateu sobre o Brasil no passado. E é especialmente gratificante encontrar a minha amiga, companheira Michelle Bachelet, cuja trajetória pessoal e liderança política merecem nossa admiração. Partilhamos ideais e nossos governos têm prioridades semelhantes.

Para nós, o crescimento econômico deve ser sustentável e voltado para a inclusão das camadas mais pobres e vulneráveis das nossas sociedades. No marco das transformações por que vem passando o nosso Continente, o Chile é um exemplo de nação que soube aliar a estabilidade política com o crescimento econômico e a justiça social. Por essa razão, somos sócios na construção de uma América do Sul livre e democrática. Nosso diálogo não poderia ser mais franco e produtivo. Temos sabido explorar nossas afinidades e nossa agenda bilateral praticamente não conhece contenciosos. Ao contrário, reforçamos parcerias e identificamos novas possibilidades.

Nos encontros que mantivemos nesta manhã, ficou evidente, uma vez mais, o alto grau de entendimento e cooperação entre nossos países. Nosso comércio bilateral, que eliminou quase todas as barreiras, atravessa excelente fase, tendo atingido o valor recorde de 6,7 bilhões de dólares. Os investimentos brasileiros começam a crescer aqui, juntando-se à já tradicional presença de firmas chilenas no Brasil. O Brasil está financiando obras de infra-estrutura no

Chile, tais como o metrô de Santiago e o novo sistema de transporte urbano da cidade, e vamos continuar financiando obras fundamentais para a integração do Chile na região.

Estão sendo criadas novas parcerias estratégicas. No campo da energia, a Petrobras e a ENAP vão juntar forças para explorar gás em terceiros países. No setor de biocombustíveis, vamos cooperar para dar maior segurança energética aos nossos países, gerando empregos e contribuindo para a proteção do meio ambiente. No âmbito da ciência e da inovação tecnológica, temos a oportunidade para replicar as parcerias exitosas que já existem entre a Embraer e a Enaer na construção de aeronaves.

O Programa de Integração de Cadeias Produtivas, que o acordo prevê, é exemplo do que queremos levar para a América do Sul como um todo. Assinamos acordos em outras áreas prioritárias. Sobre a Previdência Social, trará benefícios diretos para brasileiros que vierem trabalhar no Chile e para os chilenos que forem trabalhar no Brasil. Reforçamos, assim, uma integração que, em última análise, é feita por pessoas. O acordo sobre intercâmbio de informações e experiências em políticas de promoção e proteção dos direitos da mulher é especialmente relevante num momento em que, pela primeira vez, uma mulher conduz os destinos da nação chilena e que, em nossos dois países, cresce a participação feminina na condução de nossos governos.

O memorando de entendimento sobre educação fortalecerá ainda mais os vínculos acadêmicos e o intercâmbio entre instituições, professores e alunos de nossos países. Já a coordenação entre as academias diplomáticas chilena e brasileira só poderá melhorar ainda mais o entrosamento entre nossas políticas externas. Estamos muito avançados na negociação de acordos sobre turismo, e o Brasil vai assinar convênios com a FAO e a Cepal.

Meus amigos e minhas amigas,

Hoje de manhã, a presidente Bachelet e eu conversamos sobre a coordenação mais estreita que o Brasil e o Chile podem e devem desenvolver para impulsionar a integração sul-americana. Chile e Brasil, por seu peso econômico e político, podem ter um papel importante no cenário internacional. Nossa associação, num marco mais geral de um projeto sul-americano, permitirá uma projeção mais forte de nossos valores e interesses neste mundo globalizado e assimétrico em que vivemos.

Avançamos na discussão do Corredor Interoceânico de Integração, que deverá contar com a participação de nossos vizinhos comuns. A ligação entre o Pacífico e o Atlântico é fundamental como via de integração e contato entre nossos países. Representa a oportunidade para promover o comércio entre todas as partes de nosso continente, ajudando assim a integrar e desenvolver regiões e populações marginalizadas de nossos países. Queremos estender nossa parceria para desafios que vão além da região. Juntos impulsionamos, no âmbito da ONU, a iniciativa da ação internacional contra a fome e a pobreza, e o primeiro resultado concreto foi a Central Internacional para Compra de Medicamentos.

No Haiti, estamos trabalhando para um novo modelo de missão de paz, que leva em conta a necessidade de criar opções de desenvolvimento para garantir a paz e a estabilidade no longo prazo. Na OMC, articulamos posições no G-20, grupo que tem sido fundamental para defender a plena liberalização do comércio internacional e o fim dos subsídios agrícolas.

Meu encontro de hoje com a presidente Bachelet reafirmou a nossa história de amizade. Nossa parceria tem os olhos voltados para o futuro e as perspectivas são de um entendimento crescente, sólido e profundo, entre Brasil e Chile.

Minha querida Michelle Bachelet,

Meus companheiros brasileiros e chilenos,

Eu já terminei de ler o que estava escrito, agora vou dizer umas palavras que não estão escritas.

Eu tive a compreensão do povo brasileiro para um segundo mandato na Presidência do meu País. Todo mundo sabe que a integração sul-americana não é para mim um jogo de palavras para ser utilizado em discursos acadêmicos ou em época de campanha. Eu acredito firmemente e nós, países da América do Sul, ainda não descobrimos o potencial que existe entre nós para a integração completa no campo do comércio, da política, da cultura, da ciência e tecnologia, da agricultura, da saúde. Porque, muitas vezes, durante décadas e décadas, todos nós estávamos com os olhos voltados para o chamado continente rico. Olhávamos com muito carinho e com muita ambição para a Europa, olhávamos com muito carinho e com muita ambição para os Estados Unidos, olhávamos com muito carinho para o Japão e para outros

asiáticos mais ricos, e olhávamos com um certo desprezo para nós mesmos. Se nós quiséssemos traduzir esse comportamento, a gente não precisaria ir a nenhuma universidade procurar um livro de um grande intelectual chileno ou brasileiro para compreender. Porque, na vida real de cada um de nós, aqui no Chile, no Brasil, em São Paulo, em Brasília, em Santiago, isso acontece entre as famílias. Normalmente, um parente rico é mais bem recebido que um parente pobre. Uma pessoa que está trabalhando é mais bem recebida que uma pessoa que está desempregada. E nós levamos essa coisa natural da reação humana para a política de Estado, durante muitas e muitas décadas.

Eu me lembro de que um dia alguém me falou que um navegante descobriu uma ilha. Ao descobrir a ilha, desceu, mandou uma carta para o rei que o tinha mandado descobrir essa ilha. E o rei mandou uma carta perguntando para ele: “Tem muita riqueza aí, tem ouro, tem diamante?” E ele disse não. E o rei perguntou: “Por quê?” E ele falou: “Porque ainda não procurei”. A verdade é que nós ainda não procuramos o potencial para consolidar a integração dos países da América do Sul. E ainda não discutimos com seriedade os nichos de oportunidades que existem entre nós, não apenas para fazermos novos negócios, mas, sobretudo, para resolver velhos problemas, como o problema energético no nosso continente. Nós temos todas as condições na América do Sul de resolver o problema da energia elétrica, de resolver o problema da energia nuclear, de resolver os problemas dos biocombustíveis, de resolver o problema do gás e do petróleo, de resolver o problema da energia, da biomassa, da energia eólica, utilizando o potencial e a possibilidade de complementaridade existente entre nós.

A presidente Michelle disse bem. Nós temos momentos em que os lagos das hidrelétricas do Chile estão cheios, vertendo água, e em outros países os lagos estão vazios. Portanto, nós precisamos apenas construir as linhas de transmissão de que precisamos.

Eu disse, em Isla Margarita, há 15 dias, que o potencial de construção de energia hidrelétrica na América do Sul equivale a 1 trilhão e 349 bilhões de litros de barris de petróleo. Se nós transformássemos o megawatt-hora em barris de petróleo, nós teríamos, em energia elétrica produzida por hidrelétrica, o total de todas as reservas mundiais de petróleo existentes no mundo, mais barato, menos poluente e com a certeza de durabilidade de 50 anos, no

mínimo. Entretanto, nós nunca paramos para discutir com seriedade esse potencial e nunca trabalhamos essa história da integração olhando as necessidades da geopolítica, como também, da geoestrada, da geoponte, da geoferrovia, nós não pensamos isso. Muitas vezes, fazemos discursos e não damos o passo seguinte.

Eu disse à presidente Michelle: eu tenho mais quatro anos de mandato e, nestes quatro anos, eu quero fazer tudo aquilo que eu fiquei frustrado de não fazer nos primeiros quatro anos, porque sem integração nós não encontraremos o verdadeiro potencial de desenvolvimento dos países da América do Sul, não encontraremos.

Então, é preciso que pensemos os países que vamos deixar para os nossos filhos daqui a 30 ou 40 anos, para que a gente possa construí-los agora. Os empresários brasileiros e os empresários chilenos precisam se descobrir. Aliás, os empresários chilenos já descobriram o Brasil há mais tempo, já tem 6 bilhões de dólares de investimento chileno no Brasil, e apenas 400 ou 500 milhões de dólares de investimento brasileiro aqui no Chile. Agora, com a parceria da Petrobras, quem sabe a gente possa dar um certo equilíbrio. Mas eu tenho incentivado, presidenta Michelle, que os empresários brasileiros se transformem em empresários multinacionais. É gratificante a gente ver uma empresa brasileira fincar a sua bandeira em um outro país irmão e ajudar o país a se desenvolver. Essa troca de oportunidades é que vai permitir que o Chile atinja todo o seu potencial econômico.

Nós precisamos construir uma integração entre as nossas universidades. Nós temos mais chilenos fazendo pós-graduação na Souborne do que na USP ou na Unicamp, e nós temos mais brasileiros fazendo pós-graduação em Harvard do que na Universidade Federal do Chile. Não que não devam estar lá também, mas é preciso que a gente propicie esse intercâmbio acadêmico entre os dois países, intercâmbio entre estudantes brasileiros e estudantes chilenos.

É importante que a gente pense na criação de uma Universidade da América Latina para ajudar os pobres deste continente a estudar. É importante que a gente crie um Centro de Pensamento Chile-Brasil, para que a gente possa utilizar a nossa inteligência pensando cotidianamente, e não apenas quando temos uma crise. É importante que a gente deixe de ter uma aliança

renovada para ter uma aliança estratégica, definitivamente, entre Chile e Brasil. E é importante que a gente pense em outras coisas que precisamos fazer.

Da minha parte, querida Michelle, meus companheiros do governo chileno, eu quero que vocês saibam que farei mais do que fiz no primeiro mandato para consolidar a integração, porque acredito que nós ainda não utilizamos 10% do potencial que nós temos que explorar nas nossas relações.

Muitas vezes foi embutido na nossa consciência a idéia de que nós éramos pobres, de que nós somos pequenos, de que nós não temos o conhecimento necessário, por isso nós não temos o direito de falar mais alto. Eu aprendi duas coisas, Michelle, na minha vida sindical: primeiro, andar de cabeça erguida não um direito de quem é o maior, é um direito de quem conquistou o direito de andar de cabeça erguida. Segundo, respeito a gente só adquire quando a gente se respeita. Se nós nos respeitarmos, valorizar o que somos, certamente o mundo respeitará. E o exemplo mais vivo disso é que um país pequeno como o Chile tem a respeitabilidade internacional extraordinária.

Um outro exemplo disso é o G-20. Quando nós criamos o G-20, diziam que era uma coisa falida. Hoje, eu duvido que haja uma negociação, no âmbito da OMC, sem levar em conta a existência do G-20, apenas porque nós colocamos para fora a nossa auto-estima, o nosso orgulho de dizer que, na relação comercial, nós queremos ter uma participação e queremos fazer um acordo na Rodada de Doha. E não é uma coisa da Europa ou dos Estados Unidos, é uma coisa nossa, é uma coisa, sobretudo, dos países africanos e dos países mais pobres da América Latina, que serão os grandes beneficiados quando os europeus abrirem o seu mercado agrícola e quando os Estados Unidos deixarem de subsidiar os seus produtos agrícolas.

Nós não queremos muito, nós só queremos igualdade, só queremos ter o direito de dizer: nós existimos e nós queremos competir. Porque, vira-e-mexe, nós ouvimos dizer, lemos e vemos na televisão, que o comércio precisa ser livre, o comércio precisa ser 100% livre, mas eles mesmos não querem abrir. E nós queremos que seja livre, porque queremos provar que temos tanto ou mais competência para produzir produtos de boa qualidade a preços competitivos e conquistar mercados que até então parecem mercados dos deuses, impenetráveis pelos países pobres.

É com essa mensagem, querida Michelle Bachelet, que eu quero

terminar o meu pronunciamento, antes de responder à imprensa, dizendo a você e ao governo chileno: podem estar certos de que vamos fazer, nestes próximos quatro anos, muito mais do que fizemos até agora para estreitar e consolidar a relação Chile e Brasil.

Muito obrigado, querida.